

A Bíblia Precisa ser atualizada? Uma Análise Teológica da Doutrina Reformada da Suficiência das Escrituras

*Paulo Everton Fernandes da Silva*¹²⁸

Resumo: Neste artigo pretendemos analisar teologicamente, trechos do sermão de um pastor batista que propôs a atualização da Bíblia e relacionar com pressupostos da Teologia Liberal e da Teologia Reformada concernente a concepção da doutrina da suficiência das Escrituras, com o objetivo de verificar os prejuízos para a ortodoxia bíblica, caso tenhamos como verdade as proposições dessa pregação. Nosso campo de estudo e pesquisa se limita na doutrina da suficiência das Escrituras. Com relação ao tipo de pesquisa, optou-se pelo método qualitativo. Quanto aos objetivos, decidiu-se pela pesquisa exploratória do tipo bibliográfico seguido de análise, pois utilizou-se fontes impressas e digitais para analisar o corpus. Para a nossa pergunta de pesquisa propomos: Quais aproximações e/ou distanciamentos estão presentes entre o sermão, a Teologia Liberal e a Teologia Reformada, com relação à doutrina da suficiência das Escrituras? Como objetivo geral: Analisar o teor do sermão pregado pelo pastor batista e sua relação com a doutrina da suficiência das Escrituras. O presente artigo está dividido em: 1) breves apontamentos a respeito de um posicionamento por uma doutrina da suficiência das Escrituras; 2) breve descrição do que compreende a questão da Teologia Liberal; 3) uma proposta de análise comparativa entre o sermão, Teologia Liberal e Teologia Reformada e, por fim, nossas considerações finais.

Palavras-Chave: Suficiência; Escrituras; Atualização; Reformada; Bíblia

Abstract: In this article we intend to theologically analyze excerpts from the sermon of a Baptist pastor who proposed updating the Bible and relate them to the presuppositions of Liberal Theology and Reformed Theology concerning the conception of the doctrine of the sufficiency of Scripture, with the aim of verifying the damage to biblical orthodoxy if we take the propositions of this preaching as true. Our field of study and research is limited to the doctrine of the sufficiency of Scripture. With regard to the type of research, we opted for the qualitative method. As for the objectives, we decided on exploratory research of the bibliographical type followed by analysis, since we used printed and digital sources to analyze the corpus. For our research question we propose: What approximations and/or distances are present between the sermon, Liberal Theology and Reformed Theology, in relation to the doctrine of the sufficiency of Scripture? General objective: To analyze the content of the sermon preached by the Baptist pastor and its relationship with the doctrine of the sufficiency of Scripture. This article is divided into: 1) brief notes on a position for a doctrine of the sufficiency of Scripture; 2) a brief description of what Liberal Theology comprises; 3) a proposal for a comparative analysis between the sermon, Liberal Theology and Reformed Theology and, finally, our final considerations.

¹²⁸ Especialista em Interpretação Bíblia pelo Seminário Batista Livre – SBL. Pós-graduando em Teologia Reformada pelo Instituto Reformado de São Paulo (IRSP). Pós-Graduando em Letras com ênfase em Linguística pela Faculdade Focus – FFOCUS. Graduado em Teologia pela Faculdade Kúrios – FAK. Graduando no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Membro do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia - GELPEA (CNPQ/UEPA), do Grupo de Estudo e Pesquisa Letramentos no Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa - GEPLEALP (CNPQ/UEPA) e do Grupo de Pesquisa Discurso, Sujeito e Ensino - DISSE (CNPQ/UFPA). E-mail: pauloevertonf.d.s@gmail.com

Keywords: Sufficiency; Scriptures; Updating; Reformed; Bible

1. Introdução

Entendemos por suficiência das Escrituras o fato de Deus ter disponibilizado, por meio de sua revelação especial, a Bíblia, toda orientação necessária para que seu povo tenha fé e entenda os seus planos salvíficos. Desse modo, as Escrituras constituem-se em sua primazia quanto ao seu caráter normativo para todos os salvos em Cristo. Logo, é dispensável qualquer outro meio que sirva de revelação e/ou que postule uma possibilidade de substituição da Bíblia por supostas “novas revelações”. Em contrapartida, postulamos que a Bíblia é a própria Palavra de Deus, ou seja, as Escrituras são a expressão máxima e exata de tudo o que Deus quis transmitir a seu povo com o objetivo de guiá-los em verdade. Destarte, a posição reformada entende ser a Bíblia constitutiva da revelação especial de Deus, isto é, foi o próprio Deus quem a inspirou, quem a soprou, sendo assim, temos a segurança de ter todas as palavras que Deus quis que tivéssemos. Nisso se resume a concepção de suficiência das Escrituras.

Entretanto, certo pastor batista em um de seus sermões, disse que “a Bíblia deveria ser atualizada”, diante disso, entendemos que esse tipo de pregação revela traços de uma ortodoxia bíblica comprometida, ou seja, a Escritura passa a ser entendida como insuficiente para toda a comunidade cristã. Nesse ensejo, o presente artigo pretende analisar teologicamente, trechos da pregação do referido pastor e relacionar com pressupostos da Teologia Liberal e da Teologia Reformada concernente a concepção da doutrina da suficiência das Escrituras, com o objetivo de verificar os prejuízos para a ortodoxia bíblica, caso tenhamos como verdade as proposições dessa pregação. Nosso campo de estudo e pesquisa se limita na doutrina da suficiência das Escrituras. Desse modo, justificamos a nossa intensão de pesquisa por entender que contribuímos para: a) reflexão teológico-acadêmica no sentido de expandir discussões que envolve a temática; b) fortalecimento da ortodoxia cristã/reformada da suficiência das Escrituras e, c) edificação da fé de nossos irmãos em Cristo Jesus.

Com relação ao tipo de pesquisa, optou-se pelo método qualitativo, pois segundo Minayo (2014, p. 57) “as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos”. Quanto aos objetivos, decidiu-se pela pesquisa exploratória, pois se pretende analisar, por meio da

investigação científica, o tema e/ou o problema de pesquisa. Relacionado aos procedimentos técnicos, elegeu-se o tipo bibliográfico, seguido de análise, pois utilizou-se fontes impressas e digitais para analisar o corpus. Para a nossa pergunta de pesquisa propomos: Quais aproximações e/ou distanciamentos estão presentes entre o sermão, a Teologia Liberal e a Teologia Reformada, com relação à doutrina da suficiência das Escrituras? Com relação aos objetivos pretendidos, postulamos o geral da seguinte forma: Analisar o teor do sermão pregado pelo pastor batista e sua relação com a doutrina da suficiência das Escrituras. Concernente aos específicos, nos limitamos em: 1) Relacionar os desdobramentos do sermão com as proposições da Teologia Liberal e Teologia Reformada; e, 2) Verificar os pressupostos da Teologia Reformada e sua aproximação com a tradição exegético-hermenêutica das Escrituras.

Nossa metodologia contempla os seguintes passos: 1) escolha e composição do corpus de pesquisa que, neste caso, trata-se da transcrição de parte do sermão do pastor batista publicada no repositório de vídeos do *YouTube*, no canal oficialibab; 2) escolha de trechos que contemplam as ideias da Teologia Liberal, aqui, utilizamos Norman Geisler (2019), em sua *Teologia Sistemática volume 1*, pois apresenta um retrato fidedigno das postulações da Teologia Liberal com relação a sua concepção das Escrituras; 3) escolha de trechos que apresentem as principais ponderações da Teologia Reformada quanto ao tema da suficiência das Escrituras, para tal, utilizamos a Confissão de fé de Westminster; e 4) análise comparativa entre os pressupostos do sermão, Teologia Liberal e Teologia Reformada.

Tendo em vista os nossos objetivos, o presente artigo está dividido assim: 1) breves apontamentos a respeito de um posicionamento por uma doutrina da suficiência das Escrituras; 2) breve descrição do que compreende a questão da Teologia Liberal; 3) uma proposta de análise comparativa entre o sermão, Teologia Liberal e Teologia Reformada e, por fim, nossas considerações finais.

2. Por uma doutrina da suficiência das Escrituras

Com o objetivo de esclarecer o nosso ponto de vista, isto é, a perspectiva reformada, apresentaremos, inicialmente, algumas definições e concepções que envolvem a doutrina reformada da suficiência das Escrituras, que nesse primeiro momento, equivale ao que chamaremos, aqui, de testemunho externo, o testemunho teológico. Começamos com Wayne Grudem (1999),

dizer que as Escrituras são suficientes significa dizer que a Bíblia contém todas as palavras divinas que Deus quis dar ao seu povo em cada estágio da história da redenção e que hoje contém todas as palavras de Deus que precisamos para a salvação, para que, de maneira perfeita, nele possamos confiar e a ele obedecer (Grudem, 1999, p. 86).

Algumas questões importantes a partir dessa definição, a saber: a) a Bíblia contém todas as palavras divinas: o “conter” aqui, não pressupõe que parte das Escrituras são a Palavra de Deus e outra não, mas que a contém como um todo, isto é, a Bíblia em sua integralidade é a Palavra de Deus, isso não significa que todas as palavras e pensamentos de Deus estão, limitadamente, contidos nas páginas da Bíblia, mas que tudo o que nela está escrito é suficiente para a fé e certeza de nossa salvação. Então, seria correto afirmar que as Escrituras contêm a Palavra de Deus em sua totalidade, isto é, ela é a própria Palavra de Deus; b) necessariamente suficiente em nossos dias: a suficiência aponta ainda, para um alcance em nossos dias, ou seja, as Escrituras não só foram suficientes para seus primeiros receptores como se mantém nesse estado em todas as épocas da história humana, isso significa dizer que a Bíblia é suficiente em todo o seu percurso histórico. A esse respeito Lima (2006) diz que,

Embora cada parte da Bíblia tenha sido escrita numa determinada época, ela nunca esteve limitada ao tempo. De fato, Deus se revelou no passado, mas a mensagem continua significativa para as pessoas de hoje e de sempre. Deus é o mesmo e sua Palavra também. A mesma denúncia do pecado e o mesmo chamado ao arrependimento dirigido às pessoas dos tempos bíblicos vale para hoje (Lima, 2006, p. 25).

É também nisso que reside o seu caráter de suficiência. Desse modo, Deus cuida de seu povo por meio da sua revelação especial que se qualifica como suficiente e inerrante.

Passemos agora, para o testemunho interno, a própria Escritura. Paulo escrevendo para Timóteo: *Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as **sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus** (2 Timóteo 3:14,15)¹²⁹*. Aqui, primeiro a natureza das Escrituras, *sagradas letras*, o adjetivo grego ἱερός (*hieros*) caracteriza “uma coisa sagrada”, isto é, “divinamente separada”. Esse qualificativo, por si só, já basta para elevar não só o *status* da Bíblia, mas também uma concepção de sua própria natureza, em outros termos, a Bíblia tem origem e natureza

¹²⁹ Bíblia Online (Almeida Revista Fiel). Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/busca?q=inspirada>, acesso em 23/10/2023.

divinas, sendo assim, não pode ser concebida como qualquer obra literária humana, a fim de interpretá-la, as ferramentas hermenêuticas devem ser subalternas a pressupostos diferentes dos que são recorrentes para a literatura clássica, por exemplo. A condição *sacra* eleva as Escrituras ao que chamamos de divinamente inspirado, desse modo, não se lê a Bíblia como se lê qualquer outro tipo de texto. Tanto é verdade que Paulo continua, *podem tornar-te sábio para a salvação*, aqui, seus efeitos. “Sábios para salvação” significa capacitação para seguir as orientações de Deus que, por sua vez, têm culminância na obra salvífica de Cristo. Na sequência, versículos 16 e 17, Paulo apresenta além da própria natureza das Escrituras a sua eficácia, segue o texto: *Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra* (2 Timóteo 3:16,17). A expressão grega θεόπνευστος (*theopneustos*) transmite a ideia de algo que foi “soprado por Deus ou pelo Espírito de Deus” (Haubeck; Siebenthal, 2009), isto é, algo ou alguma coisa que saiu, literalmente, do interior de Deus e foi concedido aos homens (seres humanos), desse modo, indubitavelmente a Escritura passa a ser entendida como fruto do sopro divino, essa é a sua natureza. Por fim, sua eficácia, o qualificativo ὠφέλιμος (*óphelimos*) transmite a ideia de “lucro”, ou seja, algo que é rentável e lucrativo, assim, Paulo demonstra o alcance e utilidade das Escrituras.

O testemunho interno das Escrituras vai muito além dos poucos versículos aqui demonstrados e, por motivos de espaço, entendemos que estes dão conta da concepção de suficiência. Assim, esperamos ter deixado claro o fato de que a Teologia Reformada se ancora estritamente nos textos das Escrituras para defender a sua suficiência, isto é, que não são necessárias outras “revelações”, pois tudo o que temos hoje na Bíblia, foi concedido pela soberana vontade de Deus, por isso, não precisamos de mais nada para crer e/ou conhecer a Deus e seu plano de redenção¹³⁰. Como dizem Geisler e Nix: “Portanto, para todos os efeitos de doutrina e de dever, a Bíblia como a temos hoje é representação suficiente da Palavra de Deus, cheia de autoridade” (Geisler; Nix, 1997).

3. A questão da Teologia Liberal

¹³⁰ O “nada” aqui, refere-se aos meios que os homens buscam para substituir a leitura e estudo das Escrituras como formas outras de conhecer a Deus e seus propósitos. Não dispensamos, é claro, a atuação graciosa do Espírito Santo, pois é ele quem atua eficazmente nos corações.

Talvez um dos grandes desafios que a igreja contemporânea ainda esteja enfrentando seja as que são advindas das influências do liberalismo teológico. Mas, o que é uma teologia liberal? O que essa expressão significa? Quais desdobramentos históricos e doutrinários são mais importantes? Tentaremos aqui, apresentar a questão nevrálgica do liberalismo teológico, contudo, não temos a intenção de apresentar uma exposição exaustiva, pois não teríamos espaço para isso, desse modo, apresentaremos, ainda que de forma breve, as questões que julgamos ser essenciais para o entendimento deste movimento histórico. Para a nossa reflexão a respeito desse ponto buscaremos as contribuições de Alister McGrath (2005) em sua *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã*.

Para início de conversa, qual é a definição de liberal? O professor McGrath apresenta a sua concepção:

Assim, talvez a melhor interpretação do termo "liberal" seja a que se aplique a "um teólogo que, segundo a tradição de Schleiermacher e Tillich, esteja interessado na reformulação dogmática em resposta à cultura contemporânea", o que descreve muitos dos escritores modernos conhecidos (McGrath, 2005, p.140).

Segundo o autor, no campo da teologia, "liberal" seria um qualificativo para o teólogo que parte da tentativa de alinhar e/ou amenizar os conceitos doutrinários e escriturísticos ao padrão da cultura moderna. Desse modo, alguém seria "liberal" não no sentido de expandir formas outras de se pensar no que diz respeito a criatividade, mas no sentido depreciativo da sua doutrina, da rejeição ou reinterpretação das Escrituras e da fé em Deus. Perceba que McGrath destaca o pressuposto liberalista: "reformulação dogmática", talvez aparentemente inofensiva, mas com sérios desdobramentos que equivalem a negação total de qualquer manifestação religiosa e de fé.

3.1 A influência do Iluminismo

A partir de uma perspectiva histórica, o professor McGrath chama atenção para a sucessão de movimentos que desencadearam o que ficou conhecido como "Protestantismo Liberal", o liberalismo teológico. Segundo o autor o liberalismo não surgiu do *dia para a noite*, mas de um efeito emergente do Iluminismo. O Iluminismo em si, já carregava pressupostos que colidiam frontalmente com as Escrituras, o uso livre e construtivo da razão servia de orientador para toda e qualquer relação humana,

inclusive a relação entre homem e Deus. Quanto a sua relação direta com o cristianismo, o Iluminismo propunha uma releitura das formas de crença, da religião, da fé e das Escrituras, partindo da tentativa de explicar a fé por meio da razão e, em muitos casos, desmistificar crenças e histórias mitológicas que estariam presentes nas Escrituras (McGrath, 2005). Ainda sobre isso, McGrath diz que “O Iluminismo introduziu um período de grandes incertezas para o cristianismo, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. [...] A crescente ênfase sobre a necessidade de revelar as raízes racionais da religião teve consequências bastante negativas para o cristianismo, [...]” (McGrath, 2005, p. 126).

A oposição iluminista era contundente, alguns pontos de confrontos foram bem delineados por McGrath: 1) A possibilidade de milagres: os milagres foram desacreditados com a justificativa de que não haviam exemplos correspondentes contemporâneos da possibilidade de milagres; 2) O conceito de revelação: a revelação de Deus era entendida como atemporal, porém incapaz de ser entendida por meio das histórias contidas na Bíblia, por exemplo, desse modo, não existiu revelação sobrenatural; 3) Doutrina do pecado original: essa doutrina era uma visão pessimista de mundo para os iluministas, por isso, inaceitável, além de contrariar a própria capacidade humana e seu engajamento social e político, sendo assim um conceito opressor; 4) A questão do mal: a existência do mal passou a ser motivo de descrédito para a teologia cristã, pois como uma benigna divindade poderia coexistir com o mal?; 5) O status e a interpretação das Escrituras: surgiu uma forte crítica às Escrituras, a Bíblia passou a ser considerada uma obra humana, um livro de muitas mãos, desse modo, um livro cheio de erros e contradições. Com isso enfraqueceu-se ainda mais o conceito de revelação; e 6) A identidade de Jesus Cristo e seu significado: surgiu uma proposição de que havia uma ruptura entre o Jesus histórico e o Jesus interpretado pelas Escrituras. Desse modo, Jesus, na verdade, era apenas um homem sábio que viveu num certo período histórico, mas que foi retratado e interpretado como que divino pelas páginas do Novo Testamento. Não era mais admitido o Deus encarnado. A morte e ressurreição também foram reinterpretados. Sua expiação não passava de exemplos morais (McGrath, 2005, p. 129-132).

Desse modo, o Iluminismo tratou de rejeitar veementemente os pressupostos bíblicos e doutrinários da fé cristã, a partir disso, criou-se um terreno fértil para uma série de movimentos que, de posse de seus ideais, combatiam de igual modo a fé cristã.

Passemos, agora, para uma breve apresentação de um desses movimentos, o Protestantismo Liberal ou Liberalismo Teológico.

3.2 O surgimento do Protestantismo Liberal

Dentre tantos movimentos que surgiram a posteriori das influências do Iluminismo, talvez o que apresentou maiores problemas internos tenha sido o que McGrath (2005) chama de Protestantismo Liberal, isto é, o Liberalismo Teológico. Esse movimento surgiu com a necessidade de fazer com que a fé e a teologia pudessem passar por uma reformulação a partir da perspectiva moderna. Assim, haviam lacunas entre a fé e as descobertas da ciência moderna, diziam os liberais, daí a necessidade de releituras e ressignificações. Desse modo, o liberalismo surgiu como uma proposta de pensamento moderno, contrastando assim, com o conhecimento ultrapassado da fé e da teologia. Quanto ao seu *modus operandi*, o liberalismo atuou basicamente a partir de dois movimentos: a) rejeição total de alguns pontos da fé e das Escrituras e b) reinterpretção ou releitura de outros pontos afim da adaptação ao mundo moderno.

A respeito de sua oposição à fé e à teologia, algumas considerações precisam ser feitas. Paulo Anglada (1997) apresenta uma descrição pertinente:

A teologia liberal (racionalista) nega a própria base da autoridade da Escritura, negando a sua origem divina. Para ela, as Escrituras são mero produto do espírito humano, expressando verdades divinas conforme discernidas pelos seus autores, bem como erros e falhas características do homem. Sua autoridade, portanto, não é divina nem inerente, mas humana, devendo ser determinada pelo julgamento da razão crítica. Eis o que afirmam: "A verdade divina não é encontrada em um livro antigo, mas na obra contínua do Espírito na comunidade, conforme discernida pelo julgamento crítico racional." De acordo com a teologia liberal, "nós estamos em uma nova situação histórica, com uma nova consciência da nossa autonomia e responsabilidade para repensar as coisas por nós mesmos. Não podemos mais apelar à inquestionável autoridade de um livro inspirado." (Anglada, 1997, p. 7).

Analisemos com mais afinco. A teologia liberal propõe: a) a negação da autoridade das Escrituras, aqui, entende-se que o texto bíblico não tem peso normativo, isto é, não pode orientar a vida das pessoas, pelo menos não sem várias releituras e reinterpretções no sentido de adaptar a mensagem bíblica para uma necessidade moderna; b) as Escrituras são mero produto humano, essa é a razão por ela não ter um caráter normativo, pois como produto de obra humana, incorre em erros e falhas, assim, deve ser analisada a luz da razão e criticada com base nos mesmos critérios que são utilizados em uma obra

literária qualquer. A expressão “não podemos mais apelar à inquestionável autoridade de um livro inspirado” parece constituir uma postura de resistência ao reconhecimento da natureza divina das Escrituras, soa quase como uma não aceitação voluntária de ordem rebelde, ou seja, parece ser um “não aceito porque não quero aceitar”, uma não aceitação sem fundamentação. Desse modo, a ortodoxia bíblico-escriturística foi aos poucos sendo contaminada com uma espécie de humanismo adentrando as concepções doutrinárias da teologia e fé cristã.

A respeito dessa tensão, José Roberto da Silva Costanza (2005) diz que “De um modo geral, os liberais são adogmáticos, posto que, para eles, nenhuma questão teológica está fechada ou decidida. Negam também a inerrância e a inspiração bíblica, com base na assertiva de que a Escritura é obra de autores limitados pelo seu tempo” (Costanza, 2005. p. 97). Aqui, o autor chama atenção para um adjetivo, “adogmáticos”, o uso do prefixo de negação “a” aqui, é para distanciar o pensamento liberal de toda e qualquer postulação de verdade absoluta. O cristianismo é uma das religiões que atestam verdades absolutas, desse modo, o adogmatismo liberal caminha no sentido contrário, pretendendo, inclusive, desmistificar essas crenças que “aprimonam” as pessoas. A Bíblia para o liberalismo é um livro que carrega as marcas humanas, ou seja, é um livro cheio de erros como qualquer outro, desse modo, não há uma preocupação em tomar as Escrituras como a inequívoca Palavra de Deus, na verdade, para a visão liberal, Deus não poderia encerrar princípios eternos em um livro escrito por homens. Logo, não faz sentido entender que a Bíblia é a Palavra de Deus.

O professor Leandro Lima (2006), por sua vez, apresenta algumas contribuições a essa discussão:

Nesse sentido, às vezes os partidários do liberalismo dizem que só algumas partes da Bíblia seriam a “pura” Palavra, e o restante palavra de homens. Daí o método “desrespeitoso” com que eles abordam a Bíblia, ainda que prefiram dizer “científico”, procurando aqui ou ali indicações de imprecisões ou pistas que os remetam a outras situações históricas, que consideram mais importantes e dignas de crédito do que o que a Bíblia relata. Essa teoria não faz justiça ao que a Bíblia representa para a fé cristã (Lima, 2006, p. 21-22).

O professor critica a postura liberal de evocar partes das Escrituras como Palavra de Deus, seria isso desrespeitoso, segundo Lima, pois na justificativa de se atestar um caráter científico estariam, na verdade, procurando desconstruir toda uma herança doutrinária que privilegia uma exegese sólida do próprio texto sagrado, isso não faria justiça à própria concepção de revelação sobrenatural de Deus.

Diante do exposto, percebemos que o pensamento liberal atenta frontalmente contra doutrinas basilares da fé e teologia cristã. Com o pretexto de atestar um alinhamento com o pensamento moderno, essa perspectiva ignora o fato de que Deus pode, inclusive, preservar a sua Palavra ao longo da história para que sirva como norte aos que ele escolheu e predestinou desde a fundação do mundo. Assim, entendemos que uma teologia liberal caminha mais próximo do ateísmo do que da relação graciosa com um Deus soberano. Com isso, pensamos ter deixado claro os pressupostos do liberalismo teológico, bem como suas proposições e desdobramentos. Passemos agora, para a nossa tentativa de análise.

4. Análise dos trechos do sermão

Seguiremos, agora, com nossa análise. Pretendemos analisar alguns trechos do sermão relacionando com conceitos próprios da Teologia Liberal e as postulações da Teologia Reformada, além de, a partir dos recortes, descrever alguns argumentos. Segue o quadro 1 com a temática da ressignificação da Bíblia:

Quadro 1 – A Bíblia precisa ser ressignificada

SERMÃO	TEOLOGIA LIBERAL	TEOLOGIA REFORMADA
“[...] eu leio essa carta de Paulo à Filemom e eu penso da seguinte maneira: essa carta é insuficiente pra mim, talvez esse seja o grande desafio da igreja contemporânea, olhar a Bíblia como um livro insuficiente, vou repetir: olhar a Bíblia como um livro insuficiente, um livro que precisa ser relido, ressignificado , para que os princípios de vida que esse livro encerra e que essa revelação encerra, que esses princípios de vida saltem dessas páginas promovendo libertação e justiça e relações de amor no nosso mundo” (Oficialibab, 2020, grifo nosso).	“Falando diretamente, a Bíblia em si não é a pura Palavra de Deus. Apesar de podermos, através de uma figura de associação íntima, em certas ocasiões, e sem errarmos, chamar a Bíblia de Palavra de Deus, não devemos utilizar esta terminologia no discurso teológico preciso” – <i>CTLP</i> , 17 – (Geisler, 2019, p. 325).	“A autoridade das Escrituras Sagradas, razão pela qual debes ser cridas e obedecidas, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o Autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a Palavra de Deus” – <i>Confissão de fé de Westminster</i> , cap. 1.4 – (Grudem, 1999, p. 1007).
Argumento	Argumento	Argumento
A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas pode contê-la em	A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas podemos chamá-la	A Bíblia é a Palavra de Deus, independentemente de qualquer coisa.

algumas partes. É preciso selecionar.	em determinadas ocasiões de Palavra de Deus.	
---------------------------------------	--	--

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Em termos iniciais, podemos analisar o primeiro recorte do sermão em dois momentos, a saber: **1) Necessidade de resignificação** – a expressão utilizada pelo pastor é “[A Bíblia é] um livro que precisa ser relido, resignificado”, aqui, temos alguns problemas doutrinários. Quando o pastor qualifica a Bíblia com a expressão “um livro” manifesta traços valorativos no sentido de rebaixá-la de sua condição de divinamente inspirada, desse modo, a Bíblia passa a ser entendida como apenas mais um dentre tantos outros livros existentes. Além disso, há aqui, uma relação entre a postulação de que ela é apenas “um livro” e as terminologias “relido” e “ressignificado”. O verbete “reler” significa “ler de novo ou várias vezes; ler outra vez (o que se escreveu) para corrigir, melhorar; revisar”¹³¹, pela conjuntura contextual do sermão é possível perceber que o pastor não quis propor uma simples releitura, mas sim, uma nova proposta de interpretação, isto é, uma interpretação “melhorada”, “corrigida”, “revisada”. Já o lexema “ressignificar” deixa mais clara a intenção do pastor, pois pode significar “Atribuir um novo significado a; dar um sentido diferente a alguma coisa”¹³², nesse sentido, tanto “reler” quanto “ressignificar”, no sermão pregado pelo pastor, caminham para uma proposta de correção das interpretações que são recorrentes para alguns textos bíblicos, daí, uma suposta necessidade de resignificação, isto é, de uma nova interpretação, de um novo sentido; **2) Finalidade da resignificação** – os motivos da proposta são claros: “princípios de vida” que devem promover “libertação, justiça e amor”. A propositura de resignificação é justificada por um suposto efeito “no mundo”, no ideário do pastor, uma nova interpretação equivale à necessidade que o “novo mundo” tem de se “encontrar nas Escrituras”, isto é, apresentar um padrão de comportamento coerente com o texto Sagrado.

Agora, passemos a relacionar o teor do sermão com os pressupostos da Teologia Liberal e da Teologia Reformada. Com relação à Teologia Liberal, encontramos certa aproximação de pressupostos, vejamos: **a) O pressuposto de que a Bíblia não é a Palavra de Deus:** a expressão adjetivada “um livro”, em si mesma, já é carregada de uma espécie de inferiorização do fraseado bíblico, somada a uma proposta de

¹³¹ INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Editora Moderna, 2011. p. 808.

¹³² RESSIGNIFICAR. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ressignificar/>. Acesso em: 18/10/2023.

ressignificação o caminho exegético é o da não-ortodoxia bíblica. Nessa teologia temos a afirmação de que “a Bíblia em si não é a pura Palavra de Deus”, assim, encontramos um alinhamento entre o sermão e a propositura liberal; **b) O pressuposto de que a Bíblia contém, em alguns momentos ou torna-se, a Palavra de Deus:** os “princípios e vida”, a que se refere o pastor, podem ser equiparados a seguinte afirmação: “Apesar de podermos, através de uma figura de associação íntima, em certas ocasiões, e sem errarmos, chamar a Bíblia de Palavra de Deus”. Parece que tanto o pastor quanto os pressupostos da Teologia Liberal propõem que as Escrituras contêm, em certa medida, a Palavra de Deus, e que cabe ao leitor e/ou intérprete distinguir o “inspirado” do “não-inspirado”. Com isso, entende-se que a Bíblia em si mesma, não é, pelo menos em sua integralidade, a própria Palavra de Deus, apenas a contêm em determinados trechos. Outrossim, na tentativa de ilustrar a relação entre Iluminismo e Protestantismo, Alister MacGrath (2005) descreve o que ele chama de protestantismo liberal: “O protestantismo liberal clássico surgiu na metade do século XIX, na Alemanha, em meio à crescente percepção de que a fé e a teologia *necessitavam*, ambas, *ser revistas* à luz do conhecimento moderno” (Mcgrath, 2005, p. 138, grifo nosso). Percebe-se que o pressuposto é mantido: há uma necessidade de “revisar” as interpretações bíblicas e teológicas levando em consideração um ajuste com o pensamento moderno.

Quanto à relação com a Teologia Reformada, encontramos oposições significativas, a saber: **a) A Bíblia não é a Palavra de Deus VS a Bíblia é a Palavra de Deus:** o confronto se estabelece pela postura reformada em expressar que “as Escrituras Sagradas são a Palavra de Deus”, em relação ao Sermão e a Teologia Liberal, o trecho da Confissão de fé de Westminster, tradicionalmente reformada, é o único que afirma isso de forma categórica. Desse modo, o sermão acaba comprometendo a ortodoxia hermenêutico-exegética da maneira como se vem interpretando as Escrituras com segurança, isto é, sem abrir mão do pressuposto de que ela é a inerrante e infalível Palavra inspirada de Deus; **b) Testemunho humano VS Testemunho das Escrituras:** outro confronto, para a Teologia Reformada é inconcebível o ato de aceitar o testemunho humano em detrimento do testemunho das Escrituras. A Confissão de fé de Westminster, por exemplo, diz que “A autoridade das Escrituras Sagradas [...] não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja”, desse modo, não são autorizadas interpretações e/ou postulações de sentidos “novos” que se originam no testemunho humano, isto é, que não podem ser amparadas pelo testemunho interno da Bíblia. Quando o pastor propõe uma “releitura” e uma “ressignificação” relacionadas com a

conjuntura contextual do sermão, entendemos que ele propõe “novas interpretações” que mais se aproximam do testemunho humano do que das Escrituras, propriamente ditas. A proposta em si, pode ser resumida em uma sentença: *devemos mudar a forma como entendemos alguns textos da Bíblia*, assim, o movimento encorajado é o de promover uma série de “novas exegeses” que tem mais comprometimentos com mundo do que com a Bíblia.

Podemos empreender novas análises também a partir dos argumentos utilizados. O argumento que é apreendido nesse primeiro trecho do sermão, *A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas pode contê-la em algumas partes. É preciso selecionar*, é claramente oposto à ortodoxia bíblica, pois não concebe as Escrituras como integralmente inspirada por Deus, mas talvez contenha inspiração apenas em algumas passagens. Desse modo, não se leva em consideração os pressupostos exegéticos de interpretação, mas sim, enxertos, modificações e acréscimos ao texto Sagrado. Já o argumento proposto pela Teologia Liberal, *A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas podemos chamá-la em determinadas ocasiões de Palavra de Deus*, se alinha facilmente com o teor do sermão. Quanto ao argumento da Teologia Reformada, percebe-se uma colisão frontal com relação aos pressupostos liberais, uma vez que é imbuída do *Sola Scriptura* no que concerne aos desdobramentos teóricos e práticos das Escrituras para a vida de todo salvo em Cristo.

Passemos, agora, para o nosso segundo momento de análise. Neste bloco temático é tratada, com maior ênfase, a questão da suposta necessidade de atualização das Escrituras. Segue o quadro 2 com a temática da atualização da Bíblia:

Quadro 2 – A Bíblia precisa ser atualizada

SERMÃO	TEOLOGIA LIBERAL	TEOLOGIA REFORMADA
“a gente precisa atualizar a Bíblia, porque se eu não atualizo a Bíblia e se eu leio literalmente e digo está suficiente a leitura literal da Escritura eu legítimo escravidão, da mesma forma que tem gente ainda hoje legitimando o machismo e dizendo que o marido é o cabeça da mulher e a mulher tem que ser submissa e não leu direito a Escritura e não atualizou a Escritura. Então, se	“A falibilidade humana da Bíblia não impede a possibilidade de ela ter sido divinamente inspirada, nem de ter uma autoridade moral e religiosas sem paralelos [...] Mesmo tendo sido escrita por homens com traços individuais característicos e falhas humanas típicas, ela, mesmo assim, pode ter sido escrita por homens chamados e impulsionados pelo espírito de	“O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias têm de ser determinadas, e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões particulares, o Juiz Supremo, em cuja sentença nos devemos firmar, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando nas Escrituras” – <i>Confissão de fé de Westminster, cap. 1.10</i> – (Grudem, 1999, p. 1008).

queremos ser cartas para um novo mundo e se a igreja quer ser carta para o novo mundo, nós vamos precisar atualizar a Escritura e vamos ter que fazer essa atualização e ter que ter essa coragem de enfrentar os pecados de gênero da nossa sociedade” (Oficialibab, 2020).	Deus” – <i>TLC</i> , 75 – (Geisler, 2019, p. 326).	
Argumento	Argumento	Argumento
A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas pode contê-la em algumas partes. É preciso ter coragem para atualizá-la.	A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas pode contê-la em algumas partes. É preciso ter coragem para atualizá-la, pois ela contém falhas.	A Bíblia é a Palavra de Deus, independentemente de qualquer coisa. É o Espírito Santo quem nos auxilia na interpretação das Escrituras.

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Continuemos nossa reflexão. Agora, no sermão, o pastor propõe veementemente a atualização da Bíblia, só nesse trecho transcrito a palavra “atualizar” aparece 4 vezes. Na verdade, o pastor propõe atualizar as Escrituras em favor do alcance do evangelho para as necessidades do que ele chama de “novo mundo”. A fim de entendermos a expressão e sua aplicação, segue abaixo a transcrição do trecho do sermão em que o pastor explica o que seria um “novo mundo”:

Quando falamos em “cartas para o novo mundo” estamos falando, *primeiro, desse novo mundo que rompe com a ressurreição de Jesus, quando Jesus ressuscita dos mortos um novo tempo se inaugura*, uma nova era se inaugura e um novo mundo se inaugura. Então, “cartas para o novo mundo” é um novo mundo possível pela ressurreição de Jesus. Mas, *“novo mundo” também para o apóstolo Paulo que leva esta mensagem da ressurreição de Jesus e o testemunho, a profecia, a proclamação de que Jesus Cristo é o dono do mundo, o Senhor da história, quando Paulo leva essa mensagem com a pretensão de torná-la universal, nas palavras de Jesus o testemunho do evangelho seria estendido desde Jerusalém, toda a Judéia e Samaria até os confins da terra* e Paulo é o primeiro e o principal agente de testemunho para a expansão dessa mensagem de Jesus, é Paulo quem atravessa fronteiras geográficas, fronteiras étnicas, sociais, políticas, culturais, esse é o trabalho do apóstolo Paulo que escreve “cartas para o novo mundo”, novo mundo, aquele que sai do contexto pequeno da etnia de Israel, da descendência sanguínea de Israel para dar universalidade do testemunho a respeito de Jesus. O novo mundo que ele encontra na cultura grega, helênica, romana e ele leva uma mensagem que encontra esse novo mundo e propõe para o novo mundo que ele está encontrando um “novo mundo”, um novo mundo estruturado, um novo mundo dinamizado, construído a partir da experiência de Jesus como Senhor. Esse testemunho chega até nós, *e novo mundo é o nosso também. O mundo de 2000 anos, praticamente, depois do que o apóstolo Paulo escreveu é um novo mundo onde essas cartas para o novo mundo precisa também frutificar*. Agora, novo mundo é esse que vem por aí com as grandes mudanças que estamos experimentando na nossa sociedade, com as grandes mudanças, não apenas essas que são promovidas ou aceleradas pela pandemia, pelos tempos pandêmicos, mas um novo mundo pelas grandes transformações e mudanças que o nosso tempo está trazendo

para nós. Então, “cartas para o novo mundo”, é assim que estamos lendo a Bíblia Sagrada [...] (Oficialibab, 2020, grifo nosso).

A definição de “novo mundo” que o pastor propõe pode ser entendida e/ou dividida em três momentos, a saber: **1) Novo mundo – novo tempo inaugurado por Jesus**, nesse ensejo, o “novo mundo” seria equivalente a uma nova era e/ou um novo período histórico estabelecido a partir da morte e ressurreição de Cristo; **2) Novo mundo – universalidade da mensagem do Evangelho**, aqui, o apóstolo Paulo ganha notoriedade no sentido de atuar como um dos principais precursores da evangelização do período posterior a Cristo. Nesse contexto, o “novo mundo” seria todo o mundo conhecido, especialmente o mundo greco-romano; **3) Novo mundo – tempo contemporâneo**, nesse sentido, a mensagem alcança a todos nos tempos modernos e atuais, seria uma mensagem para os nossos dias. A polêmica se estabelece quando o pastor tenta explicar que a bíblia deve ser atualizada em favor de uma adaptação de conteúdo das Escrituras aos problemas morais da sociedade contemporânea.

Quando o pastor diz: “se queremos ser cartas para um novo mundo e se a igreja quer ser carta para o novo mundo, nós vamos precisar atualizar a Escritura”, estabelece em seu discurso uma relação de condicionalidade. As expressões “se queremos” e “vamos precisar atualizar” funcionam de tal modo a impor aos ouvintes um único modo a solucionar um problema, na verdade, a relação de condicionalidade se instaura a partir de duas ideias, onde uma, necessariamente depende da outra. Desse modo, segundo o pastor, a única condição para a igreja alcançar o “novo mundo” seria uma proposta de atualização das Escrituras. Esse tipo de discurso não encontra respaldo escriturístico nem na própria tradição da igreja, pois atualizar a Bíblia é o mesmo que classificá-la como não-inspirada e insuficiente, na verdade, o próprio pastor já deixou isso muito claro no sermão: “[...] eu leio essa carta de Paulo à Filemom e eu penso da seguinte maneira: essa carta é *insuficiente* pra mim, talvez esse seja o grande desafio da igreja contemporânea, *olhar a Bíblia como um livro insuficiente*, vou repetir: olhar a Bíblia como um livro insuficiente” (Oficialibab, 2020, grifo nosso). Contrariando essa postura que rebaixa a Escritura ao caráter de insuficiência, o professor Dr. Leandro Lima (2006) afirma: “Embora cada parte da Bíblia tenha sido escrita numa determinada época, ela nunca esteve limitada ao tempo. De fato, Deus se revelou no passado, mas a mensagem continua significativa para as pessoas de hoje e de sempre” (Lima, 2006, p. 25), a partir dessa perspectiva a Bíblia não precisa de uma “releitura” e/ou uma “ressignificação”, pois é suficiente enquanto revelação especial de Deus.

Ao comparar a conjuntura contextual do sermão com a expressão “enfrentar os pecados de gênero”¹³³, encontramos certa incoerência, na verdade, o “enfrentar” estaria mais alinhado ao sentido de “aceitar”, pois “os pecados de gênero” de que o pastor se refere são constitutivos da ordem instaurada neste “novo mundo”, desse modo, as propostas do pastor caminham em direção da aceitação de algumas práticas, do que com o comprometimento com a ortodoxia bíblica. Assim, neste “novo mundo” alguns textos que condenam certas práticas devem ser “relidos”, “ressignificados” e “atualizados”.

A perspectiva da Teologia Liberal exposta no quadro em análise, apresenta algumas questões importantes: **a) falibilidade humana**, é pressuposta uma atuação humana que não é confiável no que diz respeito a uma inspiração divina. Aqui, coloca-se em cheque o processo de inspiração bíblica, pois não há de fato, θεόπνευστος (*theopneustos*), ou seja, uma Palavra divinamente soprada por Deus, na realidade, segundo essa afirmativa a atuação humana maculou o texto Sagrado de tal modo que é difícil distinguir o “inspirado” do “não-inspirado”; **b) possibilidade de inspiração**, aqui, é apresentada como uma possibilidade, porém, no construto das argumentações liberais percebemos que a afirmação de uma inspiração plenária das Escrituras não é tolerável, pois intentaria contra a razão humana e o conhecimento moderno; **c) homens impulsionados por Deus**, o “impulsionar” seria uma espécie de “empurrão”, nada muito divinamente ativo, aqui, o foco não é em uma inspiração divina, mas na atuação humana. O uso da palavra “impulsionados” cumpre a função de substituição de “inspirados”, na verdade, para a liberalismo teológico a ideia de inspiração é, no mínimo, classificada como antiquada, pois inspiração pressupõe uma atuação divina concreta, e para o pensamento liberal isso é inconcebível. Em suma, a questão nevrálgica é que tanto o conceito de inspiração quanto o da suficiência das Escrituras são indissociáveis e, parecem que não são contemplados pela posição do pastor nem pela Teologia Liberal.

A posição reformada, aqui representada pela Confissão de fé de Westminster, se opõe incisivamente contra as posições sustentadas pelo pastor e pela Teologia Liberal. A confissão diz que o árbitro regente da relação entre a comunidade de crentes e as Escrituras é o Espírito Santo. Nesse ensejo, o Espírito Santo é considerado como o **Juiz Supremo**, aqui, a figura do juiz estabelece o sentido de que é Deus quem articula a relação entre o crente e as Escrituras, ou seja, não temos um texto que é interpretado em si mesmo, mas um Texto Sagrado que conta com a atuação divina como intermediária

¹³³ Grifo nosso.

no processo de inspiração, leitura e interpretação das Sagradas Letras. Além disso, a afirmação de que **o Espírito Santo fala a partir das/nas Escrituras** corrobora com o próprio testemunho interno das Escrituras: *“Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça”* (2 Timóteo 3:16); *“Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”* (2 Pedro 1:21)¹³⁴.

Por fim, os argumentos. Tanto o sermão quanto a proposta da Teologia Liberal podem ser resumidos no seguinte argumento: “A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas pode contê-la em algumas partes. É preciso ter coragem para atualizá-la, pois ela contém falhas”. Percebamos que a máxima permanece – a Bíblia não é a Palavra de Deus, assim, toda e qualquer teologia que se apropria desse tipo de pressuposto está aberta a qualquer tipo de pensamento, inclusive, os que validam a prática de alguns pecados. Além disso, todo esse argumento colide frontalmente com os conceitos de inspiração e suficiência das Escrituras, logo um texto que precisa ser atualizado é um texto que, no mínimo, apresenta alguns erros, no caso da Bíblia, passa-se a entendê-la não como inerrante e infalível, mas como mais uma das muitas obras de literatura humana que deve receber o mesmo tratamento. A questão é que, para o texto Sagrado é exigida uma outra metodologia de interpretação, a começar pelo pressuposto inicial: ela é a Palavra inspirada por Deus, se aproximar da Bíblia como apenas *um livro que precisa ser relido* é equivalente a não aceitá-la como *soprada* por Deus, mas como fruto da produção humana. A postura reformada é a de declarar aquilo que a Bíblia é – Palavra inerrante, infalível e inspirada por Deus.

Por fim, o nosso terceiro momento de análise. Neste bloco temático é tratada, com maior ênfase, a questão da insuficiência das Escrituras. Segue o quadro 3 com a temática da insuficiência da Bíblia enquanto Palavra de Deus:

Quadro 3 – A insuficiência da Bíblia

SERMÃO	TEOLOGIA LIBERAL	TEOLOGIA REFORMADA
“de <i>enfrentar</i> a questão da homossexualidade, da homoafetividade, dos gays que frequentam as nossas comunidades, estão dentro das	“[...] ao estudante inteligente que está mais preocupado com a busca e a proclamação da verdade do que com a manutenção de um dogma,	“A regra infalível de interpretação das Escrituras são as próprias Escrituras; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de

¹³⁴ Bíblia Online (Almeida Revista Fiel). Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/busca?q=inspirada>, acesso em 23/10/2023.

nossas comunidades, mas continuam sendo condenados ao inferno por causa de dois ou três textos bíblicos que não foram atualizados. Nós vamos ter coragem de enfrentar isso, senão continuaremos brincando de religião, e não seremos cartas para um novo mundo, nós seremos texto morto que descreve um velho mundo, eu não quero isso” (Oficialibab, 2020, grifo nosso).	deve ficar claro que a Bíblia não é, de forma alguma, infalível” – <i>TLC</i> , 68 – (Geisler, 2019, p. 325).	qualquer texto das Escrituras (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente” – <i>Confissão de fé de Westminster, cap. 1.9</i> – (Grudem, 1999, p. 1008).
Argumento	Argumento	Argumento
A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas pode contê-la em algumas partes. Alguns textos precisam ser entendidos de outra forma (outros sentidos).	A Bíblia não é a Palavra de Deus, e muito menos infalível.	A Bíblia é a Palavra de Deus, independentemente de qualquer coisa. Todos os textos são entendidos à luz da própria Escritura, que possui apenas um único sentido.

Fonte: elaborado pelo pesquisador

O pastor continua com o uso da terminologia “enfrentar”, analisemos com mais detalhes. O lexema pode significar “atacar de frente” ou “enfrentava ao inimigo com bravura”¹³⁵, a partir dessas definições entende-se posturas aversas e/ou de total oposição a algo ou alguém. Tendo isso como foco de análise, e propondo uma comparação com o teor do sermão ministrado pelo referido pastor, percebe-se que não se trata de um enfrentamento às posturas de pecados, mas contra uma suposta rejeição a essas pessoas em lugares espirituais como a igreja, por exemplo. Na verdade, o pastor parece mais preocupado com a inclusão de algumas pessoas e/ou grupos na igreja do que com a preservação doutrinária, além disso, o modo como os argumentos do pastor é construído revelam rupturas nevrálgicas com a ortodoxia bíblica. Ressaltamos que o grande problema aqui, não é necessariamente a inclusão desses grupos na igreja¹³⁶, mas o comprometimento com doutrinas como a suficiência das Escrituras, que o pastor

¹³⁵ ENFRENTAR. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/enfrentar/>. Acesso em: 27/10/2023.

¹³⁶ Entendemos que a igreja deve ser inclusiva no sentido de que a ela deva receber toda e qualquer pessoa em seu rol de membros desde que sejam, a partir disso, constantemente encorajadas a abandonar toda e qualquer prática de pecado, isso não significa que as pessoas devem ser recebidas, única e exclusivamente, após uma experiência de arrependimento, mas que podem frequentar reuniões espirituais e, a partir disso, somada a atuação do Espírito Santo em seus corações, se arrependerem. Também deve ficar claro que não se trata de uma relação de imposição, as pessoas devem ser recebidas com amor fraterno, nunca com imposição autoritária. Também sentimos necessidade de esclarecer que não é o papel da igreja “condenar as pessoas ao inferno por causa de dois ou três textos bíblicos”, na verdade, entendemos que o único que se conserva na condição de juiz é o próprio Deus, por isso, a afirmação do pastor apenas reflete posturas extremistas de religiosidade, que não equivalem a verdadeira fé em Cristo.

recorrentemente coloca em xeque em sua fala. Talvez a proposição mais comprometedora seja a de que se não for feita esta atualização das Escrituras “seremos texto morto que descreve um velho mundo”. Fica clara a imposição: se não fizermos *isso...* seremos *aquilo...*, o qualificativo que o pastor utiliza para as Escrituras é “texto morto”, aqui, com traços de inutilidade e insuficiência.

Quanto a relação com a Teologia Liberal, podemos analisar a partir de três pressupostos, a saber: **1) estudante inteligente**, aqui, o adjetivo “inteligente” serve como norteador aos ideais liberais, ou seja, alguém “inteligente” não pode crer em um livro divinamente inspirado, isso seria inconcebível, seria um atentado contra a razão, não seria sofisticado, muito menos aceitável pela comunidade intelectual. Assim, os pressupostos liberais separam os “inteligentes” dos “não-iluminados”, crer na Bíblia como soprada por Deus é inaceitável; **2) proclamação da verdade em detrimento do dogma**, aqui, temos um contraste: verdade VS dogma. É interessante que nos é apresentado uma relação de antonímia, uma vez que *verdade* e *dogma* são esboçados com sentidos opostos, a busca pela *verdade* como sendo um qualificativo do estudante “inteligente” e a observação do *dogma* como o seu equivalente oposto. Dessa maneira, o “dogma” aqui, é a representação de toda e qualquer expressão de fé que, segundo a perspectiva liberal, prejudica a razão do homem; **3) a Bíblia, um livro falível**: aqui, o rebaixamento da Bíblia enquanto Palavra de Deus. Isso é muito claro no liberalismo, a Bíblia, definitivamente, não pode ser Palavra inspirada por Deus. Encontramos nesse pressuposto uma aproximação com o sermão, uma Bíblia que falha é, necessariamente, um “texto morto”, desse modo, tanto a Teologia Liberal quanto as proposições do pastor caminham para uma direção: a Bíblia não é em sua integralidade a Palavra de Deus.

Por fim, os argumentos. Percebemos novamente uma aproximação do argumento utilizado no sermão pelo pastor com o argumento da Teologia Liberal. O argumento do pastor pode ser resumido assim: “A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas pode contê-la em algumas partes. Alguns textos precisam ser entendidos de outra forma (outros sentidos)”. Esse tipo de posição, além de contemplar posturas contrárias à ortodoxia bíblica, perfazem uma tentativa de atribuir ao texto sentidos que nunca foram pretendidos pelo autor, assim, constitui um lugar da perversão do texto *sacro*. O argumento da Teologia Liberal, “A Bíblia não é a Palavra de Deus, e muito menos infalível”, novamente, não tem compromisso algum com o conceito de revelação, antes demonstra certa rebelião contra a natureza divina das Escrituras. Já o argumento da Teologia Reformada, “A Bíblia é a Palavra de Deus, independentemente de qualquer

coisa. Todos os textos são entendidos à luz da própria Escritura, que possui apenas um único sentido”, faz justiça tanto à herança doutrinária e exegética com que interpretamos a Bíblia, quanto com o próprio testemunho interno das Escrituras. Desse modo, a Teologia Reformada privilegia uma interpretação que não rompe com os dogmas e tradição exegético-hermenêutica, que nos garante uma interpretação fidedigna e mais próxima o possível da intenção dos autores sagrados.

Considerações finais

O liberalismo teológico vem se constituindo por seus efeitos negativos quando comprometem a ortodoxia bíblico-escriturística, uma teologia que não parte do pressuposto da inerrância e suficiência das Escrituras está fadada, inevitavelmente, a romper com grandes e importantes doutrinas para a edificação da verdadeira fé em Cristo Jesus. Entender a Bíblia como um livro comum, obra literária unicamente humana, constitui uma postura de rebaixamento do seu aspecto *sacro*, isto é, a não aceitação de sua natureza, de sua manifestação sobrenatural, desse modo, torna-se um livro como qualquer outro que, inevitavelmente, incorre em inúmeros erros. Dito isso, apresentamos uma lista com aquilo que entendemos que sejam os reais perigos de uma Teologia Liberal: a) **rebaixamento da Bíblia ao aspecto exclusivamente humano**, entendem que o processo pelo qual a Bíblia foi produzida equivale a qualquer obra literária humana, não a reconhecendo como provida diretamente por Deus; b) **negação do conceito de inerrância**, por consequência a natureza das Escrituras também torna-se puramente humana, assim, ela incorre, inevitavelmente, em erros e contradições; c) **negação do conceito de inspiração**, segundo os liberais, não faz sentido acreditar num livro que foi “soprado” por Deus, isso é, na menor das hipóteses, atentar contra a razão e o padrão hegemônico do saber científico moderno; d) **rejeição do conceito de suficiência**, a suficiência, na verdade, tornou-se um conceito ultrapassado, dizem que Deus pode até continuar se revelando, mas isso não ocorre por meio de um livro humano; e, por fim, e) **desprezo pela possibilidade da revelação especial**; a ideia de Deus se revelar sobrenaturalmente foi totalmente rejeitada pelos liberais, além de ser

rotulada de ultrapassada. Esses e outros prejuízos demonstram ser, ainda hoje, grandes problemas para a fé e teologia de expressão reformada.

Diante disso, o presente artigo apresenta alguns resultados da pesquisa, a saber:

- 1) **Ainda é muito frequente a tentativa liberal de desqualificar a Bíblia como Palavra de Deus em nossos dias** – ainda está muito em voga esse movimento nos meios eclesiais, acadêmicos e teológicos que privilegia mais uma aproximação dos parâmetros modernos do que do sentido proposto pelas Escrituras;
- 2) **A Teologia Liberal está presente em muitos púlpitos** – o sermão analisado neste artigo, por exemplo, demonstrou uma realidade: a Teologia Liberal está presente em nossos dias, muitos pastores optam por uma teologia que se adeque ao auditório, em detrimento de uma mensagem que anuncia uma nova proposta de vida com Deus;
- 3) **Há uma veemente tentativa de mudar o que as Escrituras dizem para favorecer pessoas e grupos de nossa sociedade** – essa tentativa acaba enxertando no texto o que ele nunca significou, por isso, a postura de atualizar as Escrituras seria o equivalente a não aceitá-la como Palavra de Deus;
- 4) **O pensamento liberal é totalmente oposto ao pensamento da Teologia Reformada** – a partir da análise comparativa ficou clara a distinção entre os pressupostos, uma teologia que não privilegia o texto bíblico em sua condição *sacra* compromete não só a fé de toda uma comunidade de fiéis, como também contribui para a desvalorização das Escrituras; por fim
- 5) **A Teologia Reformada Busca entender a Bíblia pela própria Bíblia, respeitando uma interpretação histórico-gramatical** – o método histórico-gramatical é o que mais faz justiça ao texto sagrado, pois propõe interpretar as Escrituras levando em consideração aspectos sociais, culturais e históricos, além de contemplar o aspecto gramatical, que entende o texto como a principal implicação no fazer exegético-hermenêutico da Teologia Reformada.

A Teologia Reformada, por apresentar como pressuposto a natureza divina e humana da Bíblia, se distancia do pensamento liberal, pois busca interpretar as Escrituras pela própria Escritura, não partindo de uma tentativa de aproximação com a cultura e/ou pensamento moderno, mas de uma exegese de base histórico-gramatical para extrair do texto aquilo que os autores realmente queriam transmitir quando estavam sendo inspirados por Deus. Assim, podemos afirmar que a Teologia Reformada resguarda as doutrinas basilares para a fé em Cristo Jesus frente às inúmeras tentativas humanas de rebaixá-las ao erro.

A Bíblia Precisa ser atualizada? Uma Análise Teológica da Doutrina Reformada da Suficiência das
Escrituras

REFERÊNCIAS

- ANGLADA, Paulo. A doutrina reformada da autoridade suprema das Escrituras. In: **Fides Reformata**. v. 2, n. 2, 1997. Bíblia Online (Almeida Revista Fiel). Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/busca?q=inspirada>, acesso em 23/10/2023.
- COSTANZA, José Roberto da Silva. As raízes históricas do liberalismo teológico. In: **Fides Reformata**. v. 10, n. 1, 2005. p. 79-99.
- ENFRENTAR. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/enfrentar/>. Acesso em: 27/10/2023.
- GEISLER, Norman L; NIX, William E. **Introdução Bíblica**: como a Bíblia chegou até nós. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 1997. Documento digitalizado não paginado.
- GEISLER, Norman. **Teologia sistemática**: volume 1. Tradução de Marcelo Gonçalves e Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.
- GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. Tradução de Norio Yamakami, Luiz A. T. Sayão e Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich Von. **Nova chave linguística do Novo Testamento Grego**: Mateus – Apocalipse. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Targumim & Hagnos, 2009.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Editora Moderna, 2011.
- LIMA, Antonio Leandro de. **Razão de esperança**: teologia para hoje. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- OFICIALIBAB. Cartas vivas contra letras mortas | Ed René Kivitz | 25 de outubro de 2020. **YouTube**, 25 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QIgaENPto2U&t=95s>. Acesso em: 22/10/2023.
- RESSIGNIFICAR. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ressignificar/>. Acesso em: 18/10/2023